

IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Neide Rodrigues Lago Favarão*
Cíntia de Souza Alferes Araújo**

FAVARÃO, N. R. L.; ARAÚJO, C. S. A. Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior. EDUCERE. Umuarama, v.4, n.2, p.103-115, jul./dez., 2004.

RESUMO: O presente artigo teve como objetivo refletir sobre a importância da interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem no Ensino Superior. Os dados da literatura pesquisada demonstram que a interdisciplinaridade pode auxiliar na dissociação do conhecimento produzido e orientar a produção de uma nova ordem de conhecimento, constituindo condição necessária para melhoria da qualidade do Ensino Superior, mediante a superação da fragmentação, uma vez que orienta a formação global do homem. Exercer a interdisciplinaridade na universidade requer profundas mudanças na vida acadêmica, abrindo espaços efetivos para a prática da iniciação científica, da pesquisa e da extensão. Essas mudanças passam pela revisão dos currículos e pela sua formulação integrada, modificando de forma essencial o papel do professor no contexto educativo. Não basta que o currículo seja formulado de forma integrada, é preciso vivenciar essa integração.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Ensino Superior, Aprendizagem.

THE IMPORTANCE OF THE INTERDISCIPLINARITY IN THE SUPERIOR EDUCATION

ABSTRACT: The present article had as objective to reflect on the importance of the interdisciplinarity in the teaching-learning process in the higher education. The data of the searched literature demonstrate that the interdisciplinarity can aid in the dissociation of the produced knowledge and guide the production of a new knowledge order, constituting as necessary condition the improvement of the higher education quality, through the overcoming fragmentation because it guides the man's global formation. To exercise the interdisciplinarity in the university, it requires deep changes in the academic life, opening effective spaces for the practice of the scientific initiation, the research and extension. Those changes pass by the curriculum revision and for its integrated formulation, modifying in

¹Pós-graduanda em Docência no Ensino Superior pela Universidade Paranaense – UNIPAR.

²Mestre em Estomatopatologia – UNICAMP. Especialista em Docência do Ensino Superior – UNIPAR. Professora do Curso de Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior – UNIPAR. Professora do Curso de Odontologia da UNIPAR-Umuarama.

an essential way the teacher's role in the educational context. It is not enough that the curriculum is formulated in an integrated way, it is precise to existence that integration.

Key Words: Interdisciplinarity, Superior Education, Learning.

Introdução

A sociedade atual exige que a universidade não somente capacite os acadêmicos para futuras habilitações nas especializações tradicionais, mas principalmente, que tenha em vista a formação dos mesmos, para desenvolver suas competências e habilidades em função de novos saberes que se produzem e que exigem um novo tipo de profissional.

No Ensino Superior, a falta de contato do conhecimento com a realidade, parece ser uma característica bastante acentuada. Os professores, no esforço de levar seus alunos a aprender, o fazem de maneira a dar importância ao conteúdo em si, e não à sua interligação com a situação da qual emerge, gerando, assim, a clássica dissociação entre teoria e prática.

A educação deve ser entendida e trabalhada de forma interdisciplinar, na qual o aluno é agente ativo, comprometido, responsável, capaz de planejar suas ações, assumir responsabilidades, tomar atitudes diante dos fatos e interagir no meio em que vive contribuindo, desta forma, para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Assim sendo, é de responsabilidade dos professores fazer com que o aluno seja sujeito de sua aprendizagem, ciente do que irá realizar, para que e como, ou seja, levar o aluno a aprender a planejar, a trabalhar com hipóteses e a encontrar soluções. Nessa perspectiva, para que o mesmo adquira essas habilidades, faz-se necessário trabalhar com práticas pedagógicas voltadas para a formação do aluno, para o exercício da cidadania plena, respeitando a individualidade de cada um, utilizando-se de conteúdos interdisciplinares e contextualizados.

Vale lembrar que a questão interdisciplinar emerge como orientação da superação da dicotomia entre pedagogia e epistemologia, entre ensino e produção de conhecimentos científicos, daí porque a sua maior complexidade e necessidade de superação da perspectiva departamental e setorializada do ensino.

Considerando-se a necessidade de que a educação na universidade ofereça aos acadêmicos referenciais que os ajudem a perceber as várias dimensões, levando-os a pensar globalmente, no sentido de desenvolver um senso de responsabilidade com as classes sociais, essa pesquisa tem como objetivo refletir sobre a importância da interdisciplinaridade no processo ensino-aprendizagem no Ensino Superior.

2 Desenvolvimento

2.1 Perspectiva Interdisciplinar

Para compreender melhor a interdisciplinaridade, faz-se necessário analisar o termo. Assim, tem-se que: o prefixo “inter” significa posição ou ação intermediária, o sufixo “dade” atribui o sentido de ação ou resultado de ação ao termo, já “disciplina”, núcleo do termo estudado, significa a epistemé, podendo caracterizar como ordem que convém ao funcionamento de uma organização, ou ainda regime de ordem imposta ou livremente consentida.

Para Ferreira (1999, p. 22), “interdisciplinaridade é uma atitude, isto é, uma externalização de uma visão de mundo que, no caso, é holística. Tudo o que existe, todo ‘ente’, se ‘vela’, se ‘des-vela’ e se ‘re-vela’ ante nossos olhos”.

O tema em questão permite recordar a situação de ensino existente na Grécia antiga entre o preceptor e o discípulo. O preceptor, aquele que ajuda o discípulo a ler as coisas próprias do conhecimento em geral; o discípulo, é aquele que procura ampliar essa leitura. Ambos carregam consigo conhecimentos próprios que sintetizam a proposta educacional da parceria – “chamada pelos gregos de Paidéia, - onde o discípulo pode evoluir na leitura de mundo que, juntamente com o preceptor, constroem novos conhecimentos” (Fazenda, 1994, p. 38). A autora relata que anos mais tarde, com Montessori, a idéia de ensino tem a conotação de que ensinar é aprender, porque ensinar é, sobretudo, pesquisar, assim também construir é aprender.

A interdisciplinaridade surgiu nos anos 70 como resposta às necessidades de uma abordagem mais integradora da realidade. Ainda que muitas vezes esteja associada a modismo ou à realização de projetos apenas aparentemente ou pseudo-interdisciplinares na área da educação, ela nasce da hipótese de que, por seu intermédio, é possível superar os problemas decorrentes da excessiva especialização, contribuindo para vincular o conhecimento à prática (DENCKER, 2002, p. 19).

A teoria interdisciplinar está em permanente estado de risco, diante da objetividade científica originada da crítica recíproca dos pesquisadores. De acordo com Japiassú *apud* Fazenda (1995, p. 41), “a imprudência do erro é condição para obter a verdade”. A autora citada salienta que, no Brasil, na década de 1970, a interdisciplinaridade na educação foi a inovação encontrada pra redirecionar o processo ensino-aprendizagem. Muitos estudiosos já falaram na mudança, chegando até a vislumbrar a possibilidade dela, porém, conservam, ainda, na sua forma própria de ser educador, pesquisador e de dar aulas, um patriarcado – resistência tradicional em obedecer ao estado maior – que enquadra, rotula, modula, cerceia e limita. Poucos são os que se aventuram a viver a alteridade, porque é caro o preço que se paga pela mudança de ciclo.

O caminho interdisciplinar é amplo no seu contexto e nos revela um quadro que precisa ser redefinido e ampliado. Tal constatação induz-nos a refletir sobre a necessidade de professores e alunos trabalharem unidos, se conhecerem e se entrosarem para juntos, vivenciarem uma ação educativa mais produtiva. O papel do professor é fundamental no avanço construtivo do aluno. É ele, o professor, quem pode captar as necessidades do aluno e o que a educação lhe proporcionar. A interdisciplinaridade do professor pode envolver e modificar o aluno quando ele assim o permitir (TAVARES, 1999, p. 30).

Nesse contexto, a interdisciplinaridade representa a possibilidade de promover a superação da dissociação das experiências escolares entre si, como também delas com a realidade social. Ela emerge da compreensão de que o ensino não é tão somente um problema pedagógico, mas um problema epistemológico.

Ferreira (2000) considera que, na educação, a parceria é aspecto indispensável para que ocorra a interdisciplinaridade. Ainda, na opinião do autor, a idéia de construção da aprendizagem e o gosto pela pesquisa são fatores imprescindíveis.

Entretanto, é preciso esclarecer que a interdisciplinaridade não é uma técnica didática, nem um método de investigação, também não pode ser vista como elemento de redução a um denominador comum, mas como elemento teórico-metodológico da diversidade e da criatividade.

Acreditando que o conhecimento deve partir do simples para o complexo, do abstrato para o concreto, do real para o imaginário, ressaltamos que a prática interdisciplinar oportuniza tudo isso, através de conteúdos cujos temas desencadeiam trabalhos com diversos enfoques. Sendo o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão de seus limites, o princípio da diversidade e da criatividade (FAZENDA, 1994, p. 38).

Assim, faz-se necessário que o currículo das universidades proporcione a interdisciplinaridade, a partir da priorização dos conteúdos elementares e da eliminação da repetitividade. Quando o currículo não possibilitar isso, o educador deve ter postura ou atitude criativa e de exploração no planejamento e na sala de aula.

A interdisciplinaridade surge em decorrência da diversidade de várias disciplinas, aproveitando sua identidade individual e suas idéias, que são aceitas como enriquecimento e complementaridade de aquisições e concepções coletivas. “Ela só ocorre quando cada um dos envolvidos consegue ser autônomo o suficiente para confiar em si mesmo, para reconhecer os erros, e ao mesmo tempo, apontar soluções criativas” (Fazenda, 1994, p. 39).

Em interdisciplinaridade, devem-se estabelecer novos horizontes, como metas a serem perseguidas, através de procedimentos ainda não experimentados, de tentativas bem fundamentadas ou na elaboração de projetos alternativos para problemas antigos e frequentes.

Silva & Souza (1995) apontam a necessidade de desfazer os equívocos existentes na prática pedagógica, e apostar na interdisciplinaridade, isto é, defender uma nova metodologia, um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, humana, democrática e crítica.

A interdisciplinaridade corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta num ato de troca, de reciprocidade e integração entre áreas diferentes de conhecimento, visando tanto à produção de novos conhecimentos, como a resolução de problemas, de modo global e abrangente.

Interdisciplinaridade é o processo de integração e engajamento de educadores, num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que exerçam a cidadania, mediante uma visão global de mundo e com capacidade para enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade (LUCK, 2001, p. 64).

A interdisciplinaridade comporta em sua identidade a interação disciplinar. Observa-se que, diante dos debates educacionais, muitas vezes, a interdisciplinaridade apresenta variação no nome, conteúdo e forma de atuação, podendo ser vista como ponto de encontro entre o movimento de renovação da atitude frente aos problemas de ensino e pesquisa. “É apoio à ciência e à pesquisa. Possibilita eliminar a distância existente entre a formação escolar e atividade profissional” (Fazenda, 1994, p. 23).

Entretanto, na opinião da autora citada acima, no movimento de implementação da interdisciplinaridade, as disciplinas, muitas vezes, são tidas como obstáculos para execução da proposta. Elas são classificadas segundo os valores sociais vigentes em cada sociedade e determinadas pelo tempo e espaço de modo a facilitar a compreensão dos fatos. O comodismo também impede a eliminação das barreiras existentes entre as disciplinas, pois é mais fácil trabalhar fragmentado do que discutir idéias.

A possibilidade de eliminar tais barreiras resulta em uma motivação que liberta as instituições da inércia. No entanto, mais difícil que transformar as estruturas institucionais é transformar as estruturas mentais. Os empecilhos à não-fragmentação do currículo em disciplinas são variados, abrangem o desconhecimento do significado de projetos, a falta de formação específica para trabalhar com os mesmos, a acomodação pessoal e coletiva, até o medo de perder o prestígio pessoal, pois a interdisciplinaridade leva ao anonimato – o trabalho individual anula-se em favor de um objetivo maior – o coletivo (FAZENDA, 1993, p. 42).

No entender da autora citada, as barreiras metodológicas envolvem a superação das barreiras institucionais (epistemológicas, psicossociológicas, culturais, de formação de pessoal capacitado), assim como barreiras materiais (de ordem econômico-financeira), pois a interdisciplinaridade só se efetua quando a instituição a valoriza realmente. No entanto, as barreiras entre as disciplinas no

Brasil parecem utópicas, visto que não se discute as possibilidades de atender às exigências colocadas.

2.2 Proposta Interdisciplinar

A proposta interdisciplinar é indispensável para se aplicar no processo de educação na sociedade atual, pois dela pode-se desvelar ao homem a visão da totalidade, desenvolver o espírito crítico e criativo através das atividades cotidianas desenvolvidas numa escola, para nelas perceber a multiplicidade de relações entre as disciplinas, pensamento, sentimento, valores e aprimorá-los, a fim de superar e ultrapassar contradições e diferenças. Também, é importante ressaltar que entre os princípios pedagógicos que estruturam as áreas de conhecimento, destaca-se, como eixo articulador, “a interdisciplinaridade, cuja metodologia abre espaço para a confrontação de olhares plurais na observação da situação de aprendizagem” (Fazenda, 1995, p. 26).

As razões psicopedagógicas levam a propor um currículo interdisciplinar que está relacionado com os conhecimentos já adquiridos sobre o funcionamento do cérebro humano e os processos de conhecimento e de aprendizagem. Os avanços significativos da psicologia genética permitem, hoje, conceituar a inteligência como a capacidade de estabelecer relações, conceitos espontâneos e científicos e admitir uma série de competências a serem desenvolvidas pela escola: competência lingüística, lógico-matemática, espacial, cinestésica, musical, pictórica, intrapessoal e interpessoal.

Todos esses avanços exigem, segundo Nogueira (1998), um repensar do currículo escolar, baseado na idéia de rede de relações, eliminando-se os redutos disciplinares, em prol de uma proposta interdisciplinar. Um currículo escolar atualizado, não pode ignorar o modo de funcionamento da mente humana, as necessidades de aprendizagem e as novas tecnologias informáticas, diretamente associadas à concepção de inteligência.

Portanto, é necessário refletir sobre um modelo curricular interdisciplinar, que leve em conta a nova visão de ensino no contexto social, para que o aluno possa reintegrar o mundo do conhecimento à sua maneira de agir, pensar e sentir a visão interdisciplinar coletivamente, dentro e fora da universidade, superando o modelo fragmentado e compartimentado de estrutura curricular fundamentada no isolamento de conteúdos.

A cada visão globalizadora, novas questões surgem com o objetivo de apreender a realidade, para vivê-la plenamente. Assim, nota-se que existe um elo que interliga homem, sociedade, vida e conhecimento, os quais explicam-se reciprocamente, construindo um saber consciente e globalizador da realidade, devido às atividades mentais de reflexão, reconhecimento, problematização,

verificação, refutação, especulação, relações, situação histórica e relativização.

Conforme Piletti (1986), a formação integral somente pode ocorrer se os educadores estabelecerem diálogo entre suas disciplinas, eliminando as barreiras e relacionando a realidade concreta e as expressões de vida com todas as áreas de conhecimento.

Não é intenção da interdisciplinaridade desvalorizar as disciplinas, mas sim desenvolvê-las o suficiente para articularem-se com as outras, formando um círculo do conhecimento em busca do conhecimento, pois as disciplinas fornecem informações, elementos, idéias para esta construção e, sendo o conhecimento um fenômeno inacabado, impossível de abranger totalmente, a interdisciplinaridade constitui-se em um processo contínuo e interminável. Quando o indivíduo lançar-se ao universo interdisciplinar, vai enfrentar, os obstáculos e os hábitos de pensar de modo fragmentado e simples, durante a busca constante por uma visão global da realidade. Encontrando paralelo apenas junto aos estudiosos da Ecologia, da Gestalt, do Holismo, do movimento de Qualidade Total e da Teoria de Sistemas, que a partir de um mesmo ponto de vista estabelecem meios para compreensão e resolução de problemas, de acordo com uma visão interativa e globalizadora (LUCK, 2001, p. 61).

A educação tem a finalidade de auxiliar na formação do homem pleno, inteiro, uno e que alcance níveis maiores de integração, entre ele e o mundo, podendo, assim, resolver problemas globais e complexos que a vida apresenta, além de produzir conhecimentos que contribuam para renovar a sociedade e que auxiliem na resolução de confrontos entre os diversos grupos sociais.

A interdisciplinaridade perpassa todos os elementos do conhecimento, pressupondo a integração entre eles. Porém, é errado concluir que ela é só isso. A interdisciplinaridade está marcada por um movimento ininterrupto, criando ou recriando outros pontos para a discussão. Já na idéia de integração, apesar do seu valor, trabalha-se sempre com os mesmos pontos, sem a possibilidade de serem reinventados. Busca-se novas combinações e aprofundamento sempre dentro de um mesmo grupo de informações (TAVARES, 1999, p. 34).

Assim, a proposta interdisciplinar corresponde à interligação das dimensões materiais e espirituais, a fim de que, em cada circunstância o homem seja visto por inteiro, privilegiando, desse modo, a prática de uma educação na qual professores e alunos se visualizem por inteiro no processo, estabelecendo mudanças de atitude a respeito da formação e ação humana, onde se encontram os aspectos afetivos, relacionais, éticos, racionais, lógicos e objetivos.

Com a visão interdisciplinar, o homem deixa de encerrar-se numa única abordagem do conhecimento, para adquirir uma visão global da realidade. Ao viver, encontrará uma realidade multifacetada, produto desse mundo, e, inúmeras oportunidades terão em modificá-la, na medida em que a conhecer como um todo, em seus inúmeros aspectos (LUCK, 2001, p. 61).

A necessidade da interdisciplinaridade impõe-se não só como forma de compreender e modificar o mundo, mas como uma exigência interna das ciências

que buscam o restabelecimento da unidade perdida do saber. Atualmente, a interdisciplinaridade e as práticas educacionais integradas estão baseadas na internacionalização da vida social, econômica, política, cultural, religiosa e militar. Portanto, entender o significado das propostas curriculares integradas, obriga os educadores a levar em conta as dimensões globais da sociedade e do mundo em que vive e estar atentos à revolução informativa e social.

A discussão da função social da escola, do significado das experiências escolares para os que dela participam, foi e continua a ser um dos assuntos mais polêmicos entre os educadores. As recentes mudanças na conjuntura mundial, com a globalização da economia e a informatização dos meios de comunicação, têm trazido uma série de reflexões sobre o papel da universidade dentro do novo modelo de sociedade.

As questões de maior ênfase continuam a ser: Qual o seu objetivo de ensino, qual o tipo de aluno que gostariam de ajudar a formar? Na opinião de Perez (1999), praticamente todo o discurso pedagógico tem como objetivo de ensino, a formação de alunos autônomos, conscientes, reflexivos, participativos, cidadãos atuantes, felizes, entre outras características similares. Para essa autora, não aparecem nesse discurso características como, passividade, submissão ou alienação, entretanto, a prática difere muito.

Toda inovação gera ansiedade e resistência, principalmente quando envolve a cultura do grupo na qual é implantada, tornando estática a preocupação e o interesse pela superação do problema. Diante disso, torna-se necessária uma caminhada para a construção do conhecimento mediante uma nova ótica, que se distancie do sentido de inovação e se caracterize como transformação.

A interdisciplinaridade exige um ensino que se inicia pelas experiências proporcionadas, pelos problemas criados e pela ação desencadeada. Todo conhecimento é construído em estreita relação com o contexto social e presente no processo de formação dos alunos. É um processo global e complexo, onde conhecer e intervir no real, não se encontram dissociados. O aluno perde o interesse quando apenas precisa aprender para o teste, quando a aprendizagem não é necessária para a sua vida.

O conhecimento aprendido precisa trazer satisfação e motivação ao aluno, em saber mais, para que ele se entenda, entenda o outro e o mundo. Por isso, Nogueira (2001) aponta a necessidade de desenvolver uma atitude interdisciplinar, para que a prática educacional seja mais significativa e mais produtiva.

Vale salientar que se o professor analisar minuciosamente seu cotidiano escolar, certamente identificará inúmeras dificuldades que resultam da fragmentação do ensino e estabelecerá a necessidade do enfoque interdisciplinar e globalizador. Sem a alteração da postura dos professores, do pensamento e orientação em relação

ao conhecimento, surge a necessidade da busca de diálogo e de integração.

É sobre essa limitação que deve ser estabelecida a base de transformação pedagógica, interligando teoria e prática, estabelecendo relações entre os objetos de conhecimento e a realidade social e escolar. Projetos sobre interdisciplinaridade nascem de disciplinas. Discutindo e pesquisando as questões da prática pedagógica, seus obstáculos e suas possibilidades, sempre pensando neles como um momento de síntese, no qual os aspectos teóricos se reformulam e se estruturam, proporcionando condições para que os alunos possam analisar e fundamentar métodos e práticas de ensino (FAZENDA, 1994, p. 97).

A base para que uma proposta interdisciplinar ocorra é o construtivismo. Isto é, a eterna construção. O construtivismo é a idéia de que nada, nenhum conhecimento está pronto e acabado, sempre existindo a possibilidade de realizar mais, de construir. Por isso, a educação não pode ser estanque, monótona, fragmentada, mas deve complementar o processo de construção do saber, permitindo ao aluno interpretar e situar-se como sujeito no meio em que vive.

Segundo Becker (2001, p. 72), “essa interação-construção irá ocorrer até que o sujeito seja capaz de acomodar a assimilação da transformação, quando passará a agir em outro meio e, assim, sucessivamente, em múltiplos momentos da sua vida”.

“Nesta dinâmica, surgem alguns momentos de reflexão, de tomada de consciência de coisas e de fatos, o que faz com que se mude totalmente e surja algo novo” (Silva & Souza, 1995, p. 33). Para os autores, o compromisso educacional deve ser o de construir conhecimento.

Na visão de Nogueira (1994, p. 74), “a interdisciplinaridade deve ser uma aventura na busca pela construção do conhecimento, onde os temas converjam a um mesmo assunto, no entanto, são projetos unitemáticos”. Para este autor, as ciências devem pensar num ser humano global, abordando vários enfoques de um mesmo tema, sempre respondendo às necessidades da prática. Contudo, percebe-se que só evoluem as espécies que inserem ou promovem novidades, com estrutura e funções que proporcionem o surgimento de novas informações.

Lück (1998) considera que a função da escola já não é integrar as novas gerações ao tipo de sociedade preexistente, é preciso oferecer ao educando uma idéia integrada da vida e das relações dos seres vivos em si com a natureza. A autora enfoca que o professor desse novo paradigma precisa ser reflexivo, avaliar suas atitudes e ações, ter conhecimentos satisfatórios de um processo de ensino-aprendizagem em contínuo processo de auto-formação, além de autônomos e competentes para desenvolver o trabalho interdisciplinar.

Nesse contexto, o professor deve pensar e repensar o discurso e a prática individual ou coletiva, pois na medida em que se observa a linguagem dos gestos, do olhar entre outras linguagens, o professor saberá conduzir o aluno a ter consciência do universo em permanente transformação do qual ele faz

parte e, conseqüentemente, poderá acompanhar e viver essa transformação. Os professores com essa nova postura são promotores e partícipes de universidades que se reconhecem como espaço de formação profissional.

Numa sala de aula interdisciplinar a autoridade é conquistada, a obrigação é alternada pela satisfação, a arrogância pela humildade, a solidão pela cooperação, a especialização, pela generalidade, o grupo homogêneo pelo heterogêneo, a reprodução, pela produção de conhecimento (LÜCK, 1998, p. 81).

É importante salientar que, para que este novo papel social da educação se cumpra, é preciso rever o funcionamento da universidade, não só quanto aos conteúdos, metodologias e atividades, mas, também, quanto à maneira de tratar o aluno e aos comportamentos que deve estimular: como a auto-expressão, auto-valorização, a curiosidade e autonomia na construção do conhecimento, estabelecendo rede de significação interdisciplinar.

O posicionamento referente à interdisciplinaridade leva à aprovação de Wernek *apud* Fazenda sobre o tema em pauta:

A preocupação com a interdisciplinaridade em nossas escolas vem trazer uma nova visão didático-pedagógica à problemática da formação humana. O aluno dentro de uma escola com a preocupação interdisciplinar, não viverá um currículo que veicule conceituações fechadas, mas sim interligadas. A visão do mundo e da vida no momento, é uma visão global, uma visão do todo, onde cada parte passa a ter significado, quando adita a um grande conjunto (FAZENDA, 1995, p. 57).

O ponto de partida e de chegada de uma prática interdisciplinar está na administração participativa e na metodologia participativa. Desta forma, através do diálogo que se estabelece entre as disciplinas e entre os sujeitos das ações, a interdisciplinaridade devolve a identidade às disciplinas, fortalecendo-as e evidenciando uma mudança de postura na prática pedagógica. Tal atitude, embasa-se no reconhecimento de provisoriidade do conhecimento, no questionamento constante das próprias posições assumidas e dos procedimentos adotados, no respeito à individualidade e na abertura à investigação em busca da totalidade do conhecimento.

Não se trata de propor a eliminação de disciplinas, mas sim de criação de movimentos que propiciem o estabelecimento de relações entre as mesmas, tendo como ponto de convergência a ação que se desenvolve num trabalho cooperativo e reflexivo. Morin *apud* Lück (1998) relata que, desta forma, alunos e professores - sujeitos de sua própria ação, podem se engajar num processo de investigação, re-descoberta e construção coletiva de conhecimento, ignorando a divisão do conhecimento em disciplinas. Ao compartilhar idéias, ações e reflexões, cada participante é, ao mesmo tempo, ator e autor do processo.

Para Bovhiniak (1998), a interdisciplinaridade como prática pedagógica,

explica um fenômeno na perspectiva de diferentes disciplinas simultaneamente, e, contínua, num determinado tempo. A interdisciplinaridade exige o estabelecimento de um tema gerador, levando-se em conta a necessidade da clientela escolar, pois consiste num motivo de estudo e estruturação, que visa a integração das disciplinas, resultando em conhecimentos diferentes, complexos, reconstruindo e dando significado ao assunto escolhido.

Interdisciplinaridade é o processo de interação e engajamento dos educadores, num trabalho conjunto, de interação de disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que exerçam a cidadania, mediante uma visão global de mundo e com capacidade para enfrentar os problemas complexos, amplos e globais da realidade (LÜCK, 2001, p. 64).

Portanto, nesta prática, contextualizar é uma postura frente ao ensino o tempo todo, estimulando e motivando o aluno a construir conhecimento com autonomia. Um trabalho contextualizado, parte do saber dos alunos para desenvolver competências que venham a ampliar este saber inicial.

Um saber que situe os alunos num campo mais amplo de conhecimentos, de modo que possam efetivamente se integrar na sociedade, atuando e interferindo sobre ela.

3 Considerações Finais

O mundo globalizado requer uma ética de respeito e solidariedade para garantir a sobrevivência das sociedades humanas. O domínio da ciência e da técnica não é suficiente para garantir uma vida equilibrada e justa para a humanidade. A especialização, associada ao individualismo e à competição, assim como a ordem social baseada no poder econômico e bélico das nações, colocando em segundo plano as questões culturais, constituem um enorme risco, tanto para os povos desenvolvidos como para aqueles que ainda não alcançaram índices mínimos de qualidade de vida.

Assim, a interdisciplinaridade pode auxiliar na superação da dissociação do conhecimento produzido e orientar a produção de uma nova ordem de conhecimento, constituindo condição necessária para a melhoria da qualidade do Ensino Superior, mediante a superação da fragmentação, uma vez que orienta a formação global do homem.

A educação em geral e a universidade em especial não podem associar o saber do fazer em suas múltiplas relações com a sociedade e a cultura. Em todos os níveis, a reflexão deverá estar voltada tanto para a produção do conhecimento quanto para as conseqüências possíveis de suas aplicações.

A universidade vinculada à profissionalização e ao atendimento do mercado

de trabalho tende a priorizar os conteúdos e a informação, em detrimento da formação. Exercer a interdisciplinaridade na universidade requer profundas mudanças na vida acadêmica, abrindo espaços efetivos para a prática da iniciação científica, da pesquisa e da extensão. Essas mudanças passam pela revisão dos currículos e pela sua formulação integrada, modificando de forma essencial o papel do professor no contexto educativo. Não basta que o currículo seja formulado de forma integrada, é preciso vivenciar essa integração.

A interdisciplinaridade vem sendo introduzida nas universidades por meio da realização de projetos e trabalhos integrados em diferentes cursos de graduação, reunindo os conteúdos trabalhados pela grade curricular em cada ano. Considerando que todas as disciplinas que formam as grades são indispensáveis para a formação dos bacharéis em suas áreas, a integração entre os conteúdos é fundamental para a qualidade da educação oferecida.

O referencial teórico analisado, possibilitou concluir que é preciso trabalhar no sentido da universidade possibilitar um planejamento em conjunto com todos os envolvidos no processo educacional, desde as mais simples até ao professor. Assim, é importante ouvir o que cada clientela anseia, o que os parâmetros educacionais e a sociedade recomendam para a educação propriamente dita. Não é tarefa simples porque deve se levar em conta toda a diversidade sócio-econômica, política, cultural da população escolar.

Conciliar tudo, estabelecer um eixo integrador no qual seja possível articular todas as áreas do conhecimento, capaz de congregar as disciplinas com objetos comuns de estudos, para permitir que se estabeleça um diálogo do ponto de vista do trabalho pedagógico que por sua vez, também dialoga com as áreas. A interdisciplinaridade favorece as ações que se traduzem na intenção educativa de ampliar a capacidade do aluno a expressar – se através de múltiplas linguagens e novas tecnologias, a posicionar-se diante da informação e interagir de forma crítica e ativa com o meio físico e social.

Considerando que, neste século, os objetivos da sociedade estão cada vez mais exigentes, tanto no aspecto social e econômico, visando determinadas competências e habilidades do ser humano, nada mais interessante que a escola trabalhe neste paradigma. É um desafio para os profissionais da educação, pois interdisciplinaridade exige reflexões e ações compartilhadas onde cada participante é algo ao mesmo tempo ator e autor do processo. Vale frisar que tudo muda e se transforma, e a escola necessariamente inserida neste contexto, não pode fugir dessa responsabilidade, que é a de acompanhar a evolução deste novo tempo.

Referências

BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BOCHINIAK, R **A interdisciplinaridade na escola... e fora dela**. São Paulo: Loyola, 1998.

DENCKER, A. F. M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no Ensino Superior**: uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridades**: história, teoria e pesquisa. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRA, M. E. M. P. Ciência e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, I. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Pedagogia interdisciplinar**. Petrópolis. Vozes. 1998.

NOGUEIRA, A. (Org.). **Contribuições de interdisciplinaridade**: para a ciência, para a educação, para o trabalho sindical. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia de projetos**: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências. São Paulo: Érica, 2001.

_____. **Interdisciplinaridade aplicada**. Petrópolis. São Paulo: 1998.

PEREZ, C. L. V. Ler o espaço para compreender o mundo. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte: Dimensão, 1999, v. 5, p. 30-39.

PILETTI, C. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA, D. F; SOUZA, N. G. S. de. **Interdisciplinaridade na sala de aula**: uma experiência pedagógica nas 3ª e 4ª séries do primeiro grau. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

TAVARES, D. E. Aspectos da história deste livro. In: FAZENDA, I. **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999.

Recebido em: Setembro/2005
Aceito em: Outubro/2005

PÓS-GRADUAÇÃO UNIPAR

2006

CIÊNCIAS HUMANAS

Campus Umuarama

- Especialização em Docência do Ensino Superior: Fundamentos e Práticas Educativas
- Especialização em Educação Especial
- Especialização em Educação Física Escolar
- Especialização em Língua Inglesa com Ênfase em TESOL
- Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
- Especialização em Práticas de Laboratório para o Ensino de Ciências:
Níveis Fundamental e Médio

Campus Toledo

- Especialização em Pedagogia da Educação Física e do Esporte na Escola
- Especialização em Psicopedagogia

Campus Guaíra

- Especialização em Educação Especial: Formação Integrada
- Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional

Campus Cascavel

- Especialização em História Regional: Olhares Sobre o Paraná
- Especialização em Língua Inglesa com Ênfase em TESOL
- Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Campus Francisco Beltrão

- Especialização em História do Brasil

